



Leitura compartilhada: estratégia para formação docente

Subjetividades, memória e de educação das sensibilidades

Maura Maria Morais de Oliveira Bolfer (coordenacao.geral@wlasan.edu.br)
Professora no curso de Pedagogia – Faculdade Prof. Wlademir dos Santos

Ao longo dos últimos anos, temos dito (e repetido) que o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de autorreflexão e de auto-análise (NÓVOA, 2009, p. 38).

Resumo:

Partindo do pressuposto de que o processo de formação docente é consequência de um processo de desenvolvimento com raízes nas ligações que permeiam tanto a história individual como a história social, realizado em situações de interação social, o objetivo deste trabalho é apresentar a leitura compartilhada como estratégia para a formação docente. A leitura compartilhada é vista como estratégia/instrumento que pode promover o enriquecimento de ideias, sentidos e significados, de intercâmbio em que diversas realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas em busca de uma compreensão detalhada e generalizante de crenças, atitudes, valores e conhecimentos pessoais e profissionais. Conhecendo um pouco do perfil das alunas e percebendo a necessidade de estimular a importância da leitura literária para si e não apenas para seus (futuros) alunos é que foi escolhido o livro *Perdas & ganhos*, de Lya Luft, por estabelecer com o leitor um diálogo que se aproxima de suas vivências, sentimentos, inquietações, levando-o a pensar em sua própria trajetória e, conseqüentemente, na construção de sua identidade docente. Além disso, a autora é também professora. Entendemos que é pela mediação da palavra que conceitos se desenvolvem, produzem-se e se revelam, visto a palavra enunciada ser interpretada em uma rede de palavras, em uma rede de interações interpessoais. Portanto, aqui, temos a leitura compartilhada como ação concreta da mediação. A intervenção do outro no processo de ensino-aprendizagem implica auxiliar no progresso do educando rumo aos níveis mais sofisticados de pensamento, do individual e biológico ao social e psicológico, ou ainda, da natureza à cultura. Ao propormos a ampliação de sentidos e significados, a partir da leitura compartilhada, tornamos possível o desenvolvimento de processos que levam à significação e ressignificação dos processos de leitura/escuta, potencializando o desenvolvimento profissional docente.



Palavras-chave: leitura compartilhada; formação docente; literatura

Abstract:

Based on the assumption that the process of teacher formation is a consequence of an evolving process rooted in the connections that permeate both individual stories and social history, carried out in social interactions, the objective of this paper is to present shared reading as a strategy for teacher training. Shared reading is seen as a strategy/tool that can promote enrichment of ideas, senses and meanings, exchange in which various realities and perceptions are explored and developed in search of a detailed and generalizing understanding of personal beliefs, attitudes, values and personal and professional knowledge. Being a little aware of the profile of the undergraduate students and, understanding the need to stimulate the importance of literary reading not only for their (future) students but also for themselves, the book chosen was *Perdas & ganhos*, by Lyá Luft. The choice was made in order to establish a dialogue with the reader approaching their experiences, feelings and restlessness, leading them to think about their own path and, as a result, the construction of their teaching identity. In addition, the author is also a teacher. We understand that it is through mediation of a word that concepts develop, produce and reveal themselves, since words are inferred from a network of words, in a network of interpersonal interactions. Thus, here we have shared reading as a concrete action of mediation. The intervention of others in the teaching and learning process implies helping learners to progress towards the most sophisticated levels of thought, either from individual and/or biological to social and/or psychological, or from nature to culture. When we propose the stretching of senses and meanings, scaffolded through shared reading, we make development of processes that lead to the signification and resignification of the reading/listening processes possible, enhancing the professional development of teachers.

Keywords: shared reading; teacher training; literature

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a constituição docente é consequência de um processo de desenvolvimento com raízes nas ligações que permeiam tanto a história individual como a história social, realizado em situações de interação social, o objetivo deste trabalho é apresentar a leitura compartilhada como uma das estratégias para a formação docente.

Tendo como premissa que o professor é uma pessoa e que essa pessoa traz em si um professor, como nos afirma Nóvoa (2009) na epígrafe deste trabalho, é que uma professora da disciplina de Literatura Infantil propôs para as alunas do curso de Pedagogia uma atividade permanente: a leitura compartilhada do livro *Perdas & ganhos*, de Lya Luft, sempre no início da aula, durante 20 semanas.

Consideramos como atividade permanente porque faz parte das “atividades habituais, que reiteram de forma sistemática e previsível (...), oferecem a oportunidade de interagir intensamente com um gênero (...) e são particularmente apropriadas para comunicar certos aspectos do comportamento leitor” (LERNER, 2006, p. 88). A principal marca dessa modalidade organizativa da aula é a regularidade, que promove intenso contato com um tipo de conteúdo, cujo objetivo é o desenvolvimento de atitudes e de hábitos.

Essa leitura se configurou “compartilhada”, não pelo fato de ser uma leitura que as alunas precisariam da mediação de um adulto mais experiente para compreensão do texto, mas pela oportunidade de “compartilhar a leitura (...) socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção de sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia” (COLOMER, 2007, p. 147).

Leitura compartilhada como “uma maneira de evidenciar, sempre considerando a intimidade e o desejo do outro, a ponta o iceberg daquilo que se sugere por meio de silêncios e palavras. (...) Se a escuta (...) for mobilizada em um encontro coletivo de leitura graças a uma mediação que qualifique a “levantada de cabeça” de cada leitor – suas associações pessoais, ideias, descobertas e interpretações –, isso poderá se materializar em um ato em que todos os participantes terão a possibilidade de socializar significados” (BAJOUR, 2012, p. 22-23). Esse “levantar a cabeça” é usado por Barthes (1984) quando se refere ao movimento que o leitor faz, ao interromper a leitura, quando o que leu provoca “afluxo de ideias, excitações, associações” (p. 40).

A leitura compartilhada é vista, aqui, como estratégia/instrumento que pode promover o enriquecimento de ideias, sentidos e significados, de intercâmbio em que diversas realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas em busca de uma



compreensão detalhada e generalizante de crenças, atitudes, valores e conhecimentos pessoais e profissionais.

Conhecendo um pouco do perfil das alunas, com idade entre 20 e 50 anos, e percebendo a necessidade de estimular a importância da leitura literária para si e não apenas para seus (futuros) alunos, é que foi escolhido o livro *Perdas & ganhos*, de Lya Luft, por estabelecer com elas um diálogo que se aproxima de suas vivências, sentimentos, inquietações, levando-as a pensar em sua própria trajetória e, conseqüentemente, na construção de sua identidade docente. Além disso, a autora é também professora, aproximando a identificação do grupo de alunas. Entendemos que é pela mediação da palavra que conceitos se desenvolvem, são produzidos e se revelam, visto a palavra enunciada ser interpretada em uma rede de palavras, em uma rede de interações interpessoais.

Durante o semestre, foi perceptível a relação que as alunas estabeleciam com a leitura compartilhada, como um privilegiado momento para elas, para a escuta da história, para o estabelecimento de conexões com o lido e o vivido, numa ação concreta de mediação.

Percebemos que a intervenção do outro no processo de ensino-aprendizagem implica auxiliar no progresso do educando rumo aos níveis mais sofisticados de pensamento, do individual e biológico ao social e psicológico, ou ainda, da natureza à cultura.

Ao propormos a ampliação de sentidos e significados, a partir da leitura compartilhada, tornamos possível o desenvolvimento de processos que levam à significação e ressignificação dos procedimentos de leitura/escuta, potencializando o desenvolvimento profissional docente.

ONDE TUDO COMEÇA

Sendo professora da disciplina Literatura Infantil e tendo como convicção que “difícilmente damos aos outros o que não temos para nós” e que a “simetria invertida” é uma boa estratégia para a formação docente, é que a leitura compartilhada foi escolhida como uma das estratégias didáticas e como uma possibilidade de gerar/resgatar o prazer pela leitura literária e também como uma forma de contribuição significativa na constituição docente do grupo de alunas.

Diante de uma infinidade de livros de literatura, a opção por *Perdas & ganhos* se deu porque a autora é uma professora e, em seu texto, a linguagem literária é que dá o tom do relato de sua própria vida. O enredo apresenta temática que interessa ao grupo de alunas, pois fala das vivências e reflexões da autora que, de certo modo, revelam um “espelhamento” com a vida das alunas, conforme verificamos nos depoimentos a seguir.

“A aprendizagem durante a leitura foi bastante significativa, pois assimilávamos a conhecimentos prévios, sempre que se abordava alguma questão já vivida por alguma de nós, já que ora ou outra a professora indagava opiniões, levantava hipóteses” (RA).

“Nos faz lembrar [a história] das coisas, lembranças que carregamos na nossa aprendizagem, nas nossas escolhas. Eu fiz uma escolha em ser professora, só que até chegar aqui passei por situações iguais ou quase iguais da Luft, que nos mostra que a vida é cheia de perdas e ganhos” (AR).

*“Como ouvinte de *Perdas & ganhos* percebi que pude refletir mais sobre minha existência e também sobre os dilemas que diariamente enfrentamos. O que fica deste livro é justamente a reflexão sobre a prática, sobre o vivido” (LU).*

“Posso dizer que em muitos capítulos encontrei conexões com a minha vida, quando ela se refere a filhos, família. Foi muito prazeroso escutar a professora narrar aquele texto, pois o mesmo fazia com que nos sentíssemos próximas, era



uma pessoa que contava seus anseios, medos, inseguranças, mas não desistia de seus objetivos” (SU).

“A experiência da leitura compartilhada foi muito enriquecedora para minha formação docente. Através dela pude repensar sobre minha vida pessoal e profissional. Cada experiência de vida que o livro traz nos remete ao que já vivemos, nos mostrando lições preciosas e apontando manias que nem percebemos que temos” (NA).

“Como ouvinte é possível se envolver com a história, fantasiar. Esse modo de leitura facilita o entendimento e a compreensão em pessoas com dificuldade de concentração. Essa leitura compartilhada contribuiu para eu desenvolver o hábito de leitura, mesmo não havendo interesse, a princípio, percebi o quanto é instigante o desenvolvimento da história” (JA).

“Durante as aulas essa leitura foi mediada o tempo todo pela professora. Em alguns momentos lia os parágrafos, em outros fazia uma pausa e levantava questões, que tinham como objetivo causar uma reflexão pessoal, suscitando um raciocínio integrador entre as experiências e reflexões da autora com as reais de cada uma de nós” (KA).

“Para mim a leitura foi algo enriquecedor, pois nos levou a fazermos uma leitura de nós mesmas, o que é essencial saber fazer antes de ler o mundo de fora” (KA).

Nos fragmentos, por nós sublinhados, percebemos que “sujeito [aluna] e história [narrada por Luft] (con)fundem-se. As interações (...) configuram o sujeito singular” (FONTANA, 2000, p. 51). É nesse movimento de conscientização, de apropriação da própria história, de ter um momento para perceber-se, para falar de si, para ouvir seus pares, que as alunas vão transformando-se como pessoas e formando-se professoras. Essas declarações das alunas revelam que:

Estamos no limiar de uma proposta com enormes consequências para a formação de professores, que constrói uma teoria da personalidade no interior de uma teoria da profissionalidade. Assim sendo, é importante estimular, junto dos



futuros professores e nos primeiros anos de exercício profissional, práticas de auto-formação, momentos que permitam a construção de narrativas sobre as suas próprias histórias de vida pessoal e profissional.

Refiro-me à necessidade de elaborar um conhecimento pessoal (um auto-conhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar (de capturar) o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica. Toca-se aqui em qualquer coisa de indefinível, mas que está no cerne da identidade profissional docente (NÓVOA, 2009, p. 39).

Ao longo desses encontros para a leitura compartilhada, percebemos que pessoalidade e profissionalidade caminham juntas, desenvolvendo modos de compreender-se, compreender o outro, compreender o mundo e nele se posicionar, num movimento contínuo, dialeticamente articulado, numa “constituição recíproca” (FONTANA, 2000, p. 55).

Enquanto professora e mediadora desse processo, retomar estudos de Vygotsky (2003) e Bakhtin (2006) se fez necessário, afinal estava dando um outro sentido à tradicional “leitura compartilhada”.

Considerando que todo processo de mediação realizado tem como objeto a palavra e que a palavra exerce função de comando à medida que controla o comportamento, podemos dizer que ela funciona no interior das relações sociais, põe em relação duas ou mais pessoas e tem significado quando é dirigida a alguém com finalidade específica. Sendo um meio fundamental de controle do comportamento, a palavra é sempre comando, funciona quando é dirigida a outra pessoa com finalidade específica – só funciona e tem sentido no interior das relações sociais.

Aqui destacamos a palavra enquanto possibilidade de exteriorização de informações internas – conexões que as alunas fazem ao ouvir a leitura do livro com experiências pessoais; de abstração e generalização – à medida que permite analisar, abstrair e generalizar características, situações, sentimentos; e de comunicação, que garante a preservação, transmissão, troca e assimilação das experiências e conhecimentos dos pares. Ou seja, a palavra, como expressão de linguagem, enquanto organizadora e expressão do pensamento.

É preciso destacar que a palavra é carregada de “significado” e de “sentido”. O significado consiste num núcleo comum compartilhado pelas pessoas que a utilizam. Já o sentido diz respeito ao contexto pessoal do uso da palavra, ligado às experiências afetivas do indivíduo. O sentido se produz no contexto da interlocução, enquanto o significado é mais estável. O significado da palavra expressa seu conceito, “é um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele” (VIGOTSKY, 2003, p. 151). A relação entre pensamento e palavra evolui, está em movimento; é pela palavra que o pensamento materializa sua existência. O enriquecimento das palavras, que é dado pelo sentido a partir do contexto, é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras. Em sua teoria da enunciação, assim se expressa Bakhtin sobre a palavra:

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2006, p. 117).

Percebemos que as palavras “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais” (BAKHTIN, 2006, p. 41). É por isso que a palavra é apresentada como base da vida interior e revela-se como “produto da interação viva das forças sociais” (BAKHTIN, 2006, p. 66), sendo determinada pelo seu contexto e extraída de “um estoque social de signos disponíveis” (BAKHTIN, 2006, p. 113). Os diferentes contextos, por sua vez, encontram-se o tempo todo em situação de interação e de conflito, fazendo com que



os atos enunciativos sejam de natureza social, determinados pelas condições reais e pela relação interlocutor/ouvinte.

É, pois, pela mediação da palavra que conceitos se desenvolvem, produzem-se e se revelam, visto a palavra enunciada ser interpretada em uma rede de palavras, em uma rede de interações interpessoais. Portanto, aqui, temos a ação concreta da mediação, proposta por Vygotsky (1995).

Partindo desse entendimento, de que é pela palavra que a mediação se concretizaria, era preciso organizar a distribuição dos capítulos ao longo das vinte semanas, de modo a manter o interesse das alunas pelo enredo; “treinar” previamente a leitura, cuidando da entonação adequada para ir construindo o sentido do texto e prendendo a atenção das alunas; identificar os momentos de pausa para as reflexões, para que as alunas pudessem compartilhar o entendimento, as experiências, as conexões estabelecidas; definir em qual momento e como perguntar, como intervir, quando calar; antever encontros e desencontros que podiam ocorrer durante a leitura ou reflexões; como abrir caminhos para novos questionamentos; identificar quais aspectos poderiam acalorar as discussões e como encaminhar; pensar em estratégias para manter a gestão do tempo, uma vez que a leitura compartilhada não poderia ultrapassar 30 minutos da aula.

SIGNIFICAÇÃO E RE-SIGNIFICAÇÃO DOS PROCESSOS DE LEITURA/ESCUTA E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE

Ler com os outros, de modo compartilhado, “permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas” (COLOMER, 2007, p. 143).

É nesse movimento compartilhado que percebemos a questão da formação docente, enquanto um processo que se faz muito pela apropriação da palavra do outro e na interação com o outro, considerando a visão histórico-cultural que permite ver que os



processos de produção são marcados pela mediação, pelo uso de instrumentos e palavras. Nesse sentido, construir conhecimentos supõe ação partilhada, uma vez que é por meio dos outros que as relações entre sujeito/objeto de conhecimento são estabelecidas. Por isso as interações sociais entre a professora e as alunas, no contexto institucional, se configuram como condições favoráveis para a formação e desenvolvimento profissional, pelo diálogo, cooperação, troca de informações e confronto de ideias. É nesse movimento que perspectivas, vozes, enunciações, convergências e diferenças que os sujeitos se constituem e os múltiplos sentidos se produzem.

A leitura compartilhada se articulou à necessidade de considerar a história de vida e as experiências de vida de cada aluna (e também da professora), de viver a formação como um lugar de experiência – vivência compartilhada e refletida, conectando com o conhecimento produzido teoricamente.

Em paralelo à leitura compartilhada, as alunas também foram conhecendo e lendo diversas obras de literatura infantil, de diferentes autores, analisando-as, pensando em estratégias para indicar às colegas de classe e trabalhar com os futuros alunos; também realizaram estudos teóricos sobre a história da literatura infantil, às suas características, aos parâmetros de análise. Tudo isso contribuiu para a construção de um repertório literário, de um encontro significativo com a literatura infantil, período de muitas descobertas e inquietações, que apareciam durante a leitura compartilhada de *Perdas & ganhos*.

Acreditamos que a leitura literária “destina-se a apreciar o ato de expressão do autor, a desenvolver o imaginário pessoal a partir dessa apreciação e permitir o reencontro da pessoa consigo mesma em sua interpretação” (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 92) e que, ao criar uma relação afetiva positiva com o escrito, podemos constituir uma experiência significativa de formação docente. Experiência “como aquilo que nos acontece, nos sucede. (...) É a passagem da existência, de um ser (...) que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente” (BONDÍA, 2002, p. 24-25). Essa experiência produz um saber que é próprio do sujeito da experiência e só “tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade

ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)” (BONDÍA, 2002, p. 27). É possível dizer que “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (BONDÍA, 2002, p. 27).

Essa experiência, vivida durante a leitura compartilhada, se transforma num saber pessoal/profissional, como vemos nos fragmentos de algumas alunas.

“A partir desses momentos de leitura compartilhada pude perceber o grande significado dessa proposta que, em geral, foi significativa, pois aprendi novamente a ouvir a leitura, coisa que há muito tempo não acontecia (porque acontece mais na infância). Quando a professora lia, eu conseguia ouvir e interpretar o conteúdo através da ênfase da sua voz, dos espaços que ela abria durante os parágrafos para que eu pudesse refletir sobre a frase, interpretar da minha forma. Foi, também, importante, pois a pronúncia da professora, o tom da voz trazia significado e contexto. Foi um momento que pratiquei a paciência, pois tinha que prestar atenção para não perder os detalhes” (HE).

“Para mim a experiência foi muito boa, pois aprendi a lidar com situações e também a lidar com sentimentos, que muitas vezes passam despercebidos. Com a leitura desse livro, vou conseguir desenvolver para minha vida profissional mais percepção, estando mais atenta com os alunos, pois cada um é um indivíduo” (VA).

“Levo para minha constituição docente a importância de um trabalho coletivo que, além de agregar conhecimento, nos abre para sentimentos pessoais e alheios. Ouvir o que o outro tem a dizer é essencial para o trabalho docente, faz relação do cognitivo com o afetivo, enlaçando o conhecimento” (KA).

“Uma das aprendizagens que podemos levar para a formação docente é o jeito que o mediador está lendo. Exemplo: ao ler um trecho é feita uma pausa e alguns pontos são refletidos para entender e ouvir a opinião de outras alunas. Outra aprendizagem é que, a cada aula, a professora lia um pouco do livro, para causar



interesse e estímulo no que acontecerá depois na história e para que as alunas busquem novos conhecimentos em outros livros” (VI).

“A aprendizagem foi eu voltar para mim mesma, para depois me direcionar e auxiliar o aluno, ser uma professora que ouve e permite que seu aluno se expresse a partir de uma leitura, que ele mesmo possa escolher outras obras, que meu trabalho possibilite o mesmo efeito que a leitura compartilhada teve em mim, ser mais crítica e reflexiva” (AR).

“Através dessa atividade percebe-se a necessidade de saber ouvir, refletir e depois expor suas ideias, analisar seu modo de pensar. Saber ouvir, acredito, é uma experiência que leva à constituição da minha docência, assim como a diversidade de gêneros textuais, só pode ampliar o aprendizado” (ST).

“Antes das nossas aulas, a visão que eu tinha era apenas de uma leitura em voz alta. Hoje consigo perceber, pelo modo que a leitura foi realizada (entonação da voz, paradas para reflexão, fragmentação dos trechos), quantas coisas ela desenvolve no adulto e na criança” (MO).

Esses fragmentos, por nós destacados, em nossa análise, revelam que “o trabalho escolar tem duas grandes finalidades: por um lado, a transmissão e apropriação dos conhecimentos e da cultura; por outro lado, a compreensão da arte do encontro, da comunicação e da vida em conjunto. É isto que a Escola sabe fazer, é isto que a Escola faz melhor. É neste que ela deve concentrar as suas prioridades, sabendo que nada nos torna mais livres do que dominar a ciência e a cultura, sabendo que não há diálogo nem compreensão do outro sem o treino da leitura, da escrita, da comunicação, sabendo que a cidadania se conquista, desde logo, na aquisição dos instrumentos de conhecimento e de cultura que nos permitam exercê-la” (NÓVOA, 2009, p. 62-63).

CONCLUSÃO

Utilizar a leitura compartilhada como uma das estratégias de formação docente pode se configurar como um tato pedagógico, onde “saber conduzir alguém para a outra



margem, o conhecimento, não está ao alcance de todos. No ensino, as dimensões profissionais cruzam-se sempre, inevitavelmente, com as dimensões pessoais” (NÓVOA, 2009, p. 30-31).

Acreditando que a professora, como mediadora, promoveu a expressão, a comunicação da diversidade de ideias, valores, atitudes, crenças, expectativas e saberes, a ampliação de significados e ressignificados da leitura compartilhada se materializando nos diálogos, expressos pelas palavras – símbolo do pensamento das alunas – que revelam a ampliação de sentidos e significados da formação docente.

Nesta experiência, também a professora que aprendeu a ouvir nas entrelinhas, construiu pontes e acreditou “que as vozes, os gestos e os silêncios dos leitores [das alunas] merecem ser escutados” (BAJOUR, 2012, p. 45).

Esse trabalho nos permite constatar que a construção dos saberes docentes é mediada pela intervenção de outras pessoas e comporta processos de internalização. É a possibilidade de se apropriar da própria atividade e dos conhecimentos que possuem e que, isoladamente, poderia ser menos significativo. Mostra a necessidade permanente de novas conquistas que nos leva a querer ser melhores, a fazermos a diferença para nossos pares, para nossos alunos, para a sociedade e para nós mesmos.

REFERÊNCIAS:

BAJOUR, Cecília. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006, 12ª edição.

BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BONDÍA, Jorge Larrossa. Notas sobre a experiência e o saber da experiências. Revista Brasileira de Educação, nº 19, jan/fev/mar/abr, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.



COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. Ensinar a ler, ensinar a compreender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FONTANA, Roseli A. Cação. Como nos tornamos professoras? Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LERNER, Delia, Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002/2006.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

VYGOTSKI, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 2ª edição.

_____. Obras escogidas III (Incluye problemas de desarrollo de la psique). Madri: Visor, 1995.